

Conversando sobre Eduardo Frieiro com a Professora Ângela Vaz Leão

Maria da Conceição Carvalho
Universidade Federal de Minas Gerais

Filho de imigrantes espanhóis, Eduardo Frieiro nasceu em 5 de julho de 1889 em Matias Barbosa (MG), e faleceu em Belo Horizonte, em 1982, aos noventa e dois anos de idade. Autodidata quase absoluto, tendo freqüentado apenas dois anos de uma escola formal, construiu uma vasta cultura humanística, sendo reconhecido como figura exponencial da cultura mineira ao longo de sua vida produtiva. Homem polígrafo, como se dizia no seu tempo, transitou com destaque em diferentes campos e atividades culturais. Como funcionário precoce da Imprensa Oficial do Estado aprimorou, até a aposentadoria, o gosto pelo livro como conteúdo e forma. Ensaísta notável (*A Ilusão Literária, 1932; Como era Gonzaga? 1941; O Diabo na Livraria do Cônego, 1945, Feijão, Angu e Couve, 1967*, entre outros) foi também autor de quatro romances (*O Clube dos Grafômanos, 1927; O Mameluco Boaventura, 1929; Inquietude, melancolia, 1930 e O Cabo das Tormentas, 1936*). Leitor extensivo e intensivo da literatura canônica mundial mantinha-se, ao mesmo tempo próximo, da produção literária de sua terra, seja garimpando e colecionando textos publicados em pequenas gráficas do interior, seja divulgando, como crítico literário e editor, autores novos de Minas. Catedrático de língua e literatura espanhola e hispano-americana na Faculdade de Letras da U(F)MG, defendeu o legado hispanista numa época em que o eixo cultural brasileiro passava, obrigatoriamente, pelo meridiano francês. A convite do então governador de Minas, Juscelino K. de Oliveira, foi fundador e primeiro diretor da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, realização da qual muito se orgulhava. Eleito por unanimidade para a Academia Mineira de Letras em 1944, em 1960 recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária.

Nesta entrevista, concedida em 9 de junho de 2005, a Professora Ângela Vaz Leão rememora o antigo mestre e augura a (re)descoberta, pelas novas gerações, da obra e da figura do escritor Eduardo Frieiro.

MCC – É possível observar, na academia e no comércio editorial, que a figura e a obra de Eduardo Frieiro são pouco lembradas hoje. Minha primeira pergunta é: Qual a importância de se resgatar do limbo onde se encontram, esse autor e sua obra?

AVL – Poucos intelectuais mereceriam como Eduardo Frieiro o reconhecimento dos mineiros pelo seu trabalho em favor do desenvolvimento cultural do Estado, sobretudo de sua Capital. O relativo esquecimento da figura e da obra de Frieiro é, antes de tudo, uma injustiça. Talvez se possa estabelecer uma analogia entre esse fenômeno e o que ocorre com o ser humano, em relação à memória de fatos recentes e de fatos remotos. Como se sabe, chega um momento da velhice, em que os acontecimentos recentes são esquecidos ou se recordam com dificuldade, enquanto os fatos distanciados no tempo reaparecem vivos na memória. Ora, há pouco tempo, entramos num novo século, ou melhor, num novo milênio. Eduardo Frieiro vai se tornando, portanto, um escritor distante no tempo. Já é, pelo menos, um escritor do século passado. Façamos votos que esse distanciamento progressivo favoreça o fortalecimento (ou o renascimento) da figura e da obra de Eduardo Frieiro. Juntamente com outros grandes intelectuais nossos, ele ajuda a manter de pé uma espécie de edifício da cultura mineira, onde as novas gerações podem vir nutrir-se do “espírito de Minas”.

MCC – Continuando na perspectiva da obra: Frieiro escreveu quatro romances, ensaios, foi um articulista prolífico escrevendo sobre assuntos os mais diversos, inclusive futebol. Foi também crítico literário, ressaltando-se a atenção que dispensou aos escritores mineiros, anteriores a ele ou seus contemporâneos. Além desses gêneros, ele escreveu um diário, e manteve por quase seis décadas, dos anos 1920 aos anos 1970, correspondência com intelectuais e pessoas ligadas à cultura, do Brasil e do exterior, num montante de mais de três mil cartas. Do que foi publicado, e do que a Senhora conhece da obra de Frieiro, qual(is) título(s), na sua opinião, tem maior valor literário e/ou histórico e merece(m) ser publicado(s) e/ou reeditado(s)?

AVL – Do que ele publicou, penso que tudo merece ser reeditado. Quanto à sua obra inédita, confesso que não a conheço. Ainda assim, imagino que mereça publicação. Penso, por exemplo, na correspondência. A sua publicação teria grande importância não só para a reconstituição de algumas décadas da cultura brasileira, mas também para um melhor conhecimento da vida afetiva e intelectual do próprio Eduardo Frieiro. Sempre achei que a publicação de cartas trocadas por escritores representava uma fonte preciosa de informações para os estudos da história literária de determinada época. Como não conheço os arquivos de Frieiro, não sei se lá se acham as cartas por ele recebidas. O ideal seria a publicação da correspondência de-ida-e-volta, isto é, ativa e passiva, principalmente se o outro missivista foi também um dos agentes da nossa vida cultural, como Frieiro. Mas, se não se dispuser das cartas recebidas por ele, que se publiquem, pelo menos, as que ele escreveu.

MCC – Frieiro já foi comparado a Machado de Assis tanto pela construção psicológica dos personagens, quanto pela correção da língua e a capacidade de usar bem certos traços estilísticos. Sem querer insistir nessa comparação, a Senhora acha que esses aspectos são os mais importantes na obra de Frieiro?

AVL – A correção da linguagem assim como certos traços estilísticos particulares são muito importantes na obra de Frieiro. Mas não é só isso. Também o pensamento do escritor e sua sensibilidade artística contribuem para o valor de sua obra. A agudeza de seu espírito crítico, a finura de seus julgamentos literários, a impressionante massa de seus conhecimentos, a sua abertura para toda manifestação cultural, principalmente a literatura, o teatro e o cinema, assim como as suas qualidades de romancista, fizeram de Frieiro um intelectual completo, comparável, sim, a Machado de Assis. Aliás, é difícil destacar um traço mais saliente entre todos aqueles que marcaram a obra de Frieiro. Tudo nele é importante.

MCC – Ensaio como O brasileiro não é triste (1931), O Diabo na livraria do Cônego (1945), Como era Gonzaga? (1941), e, quase duas décadas mais tarde, Feijão, angu e couve (1966), poderiam, na sua opinião, inserir Frieiro, de alguma forma, no grupo dos “explicadores do Brasil”?

AVL – Claro que sim. Frieiro pode ser considerado um dos “explicadores do Brasil” ou, pelo menos, de Minas Gerais. *O brasileiro não é triste* é um ensaio bem humorado que contribui para a compreensão do modo de ser do

brasileiro, muitas vezes contrariando “idéias feitas” sobre o assunto. *O Diabo na livraria do Cônego e Como era Gonzaga?* revelam, cada um de maneira adequada ao objetivo da obra, muito do ambiente cultural e da atmosfera intelectual das cidades de Mariana e Vila Rica nos fins do século XVIII. Além disso, através do inventário crítico da livraria do Cônego Luiz Vieira da Silva, feito por Frieiro, o leitor toma conhecimento das obras que alimentaram o espírito revolucionário da Inconfidência Mineira. *Feijão, angu e couve*, por sua vez, esboça um quadro da cultura mineira, visto não a partir do escritório ou da biblioteca, mas da cozinha da casa. Utilizando informações de várias procedências, dadas por historiadores, viajantes e escritores, ou o testemunho e a experiência de amigos e conhecidos de vários pontos de Minas, e até mesmo a sua própria experiência, Frieiro procura mostrar historicamente como se formou uma tradição de culinária mineira, assim como descrever comidas típicas, desde o seu preparo e apresentação até o seu consumo à mesa. Assim, a um escritor tão consciente do valor relativo das coisas, e tão atento a todos os aspectos da cultura brasileira, como foi Eduardo Frieiro, não escapava a importância nem das leituras dos inconfidentes, nem dos hábitos alimentares dos mineiros, nem da literatura mineira sua contemporânea registrada por ele em artigos críticos. Muitos desses artigos saíram na seção bibliográfica do *Minas Gerais* e foram depois reunidos no livro *Letras mineiras* (1937), cujo título já é um atestado do interesse de Frieiro na divulgação da nossa cultura.

MCC – Frieiro defende a correção da língua como valor em vários momentos dos seus escritos. Mas, a má vontade que ele sente para com o movimento modernista de 1922 está impregnada de outros sentimentos, além de um misoneísmo linguístico: o preconceito de cor e o aristocratismo intelectual, por exemplo. Ele escreve no Novo Diário, em 4/9/1946: “Fenômeno que seria interessante examinar na gênese do movimento modernista da literatura brasileira, 1922 a 1930: a insurreição do mulatismo contra as nossas raízes tradicionais, lusitanas e européias. Características manifestações externas do fenômeno: a plebeização da língua, a moletagem das atitudes e o gosto da piada”. A Senhora acredita que esse julgamento severo sobre um movimento tão importante como foi o modernismo depõe contra a capacidade crítica de Frieiro, ou pode ser compreendido de outra forma?

AVL – Não creio que o julgamento desfavorável de Frieiro a respeito do Modernismo possa ser interpretado como uma falha na sua capacidade crítica. É um fato difícil de explicar, mas vou aventar uma hipótese para a sua

explicação. Talvez esse preconceito contra os Modernistas resultasse da formação autodidata de Frieiro. Como se sabe essa formação se fez, a princípio, dentro da tipografia. Foi alinhando os tipos para a composição manual da folha a ser impressa e, depois, através da leitura solitária que se formou a impressionante cultura geral e literária de Frieiro. Parece-me que a sua intolerância pela liberdade gramatical dos Modernistas tem a ver com o autodidatismo. Conheci em Formiga, minha cidade natal, outro autodidata que chegou a acumular uma cultura lingüística também impressionante, porém muito rígida, muito purista. Falo do professor Francisco Fernandes, que tinha apenas o curso primário e trabalhava no antigo Banco Hipotecário do Estado de Minas Gerais, ao mesmo tempo que dava aulas particulares de português. Aprendera tudo sozinho, lendo os bons autores e estudando a língua em obras didáticas. Acumulando tão grande conhecimento da língua, acabou se tornando um grande lexicógrafo e especialista em assuntos de sintaxe, principalmente de regência verbal e nominal. Publicou o indispensável *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Pois bem. Esse grande lexicógrafo e excelente professor tudo aprendeu como autodidata. Suas aulas de português se tornaram famosas, freqüentadas por todos aqueles que se preparavam para enfrentar concursos públicos. Mas era, como Frieiro, purista em matéria de linguagem. É sabido que a prosa de Frieiro se caracteriza pelo estilo simples e pela correção gramatical. Penso que a formação escolar, do primário à universidade, que os dois não tiveram, dá ao indivíduo uma abertura para a valorização de diferentes estilos, tanto clássicos como modernos, tanto os obedientes às normas gramaticais quanto os que recriam a língua, através de desvios estilísticos bem utilizados nos textos. Essa é a grande desvantagem da formação autodidata. Mas os autodidas de talento superior levam outras vantagens. A prova disso? Eduardo Frieiro e Francisco Fernandes ...

MCC – Em relação aos Modernistas mineiros, há o episódio que ficou conhecido como Brotoeja Literária, título do artigo no jornal Avante!, através do qual Frieiro critica os jovens poetas que publicam em A Revista, em 1925. Drummond, embora tenha se sentido magoado, retoma as relações com Frieiro, mas Nava não esquece o fato até o fim da vida. Na sua opinião, qual seria a importância dessa crítica de Frieiro aos jovens poetas mineiros?

AVL – Na vida literária, tudo tem uma importância histórica. O episódio *Brotoeja literária*, entre Frieiro e os Modernistas de Minas, tem sua importância, na medida em que revela a posição radical de Frieiro em relação às inovações modernistas. O artigo *Brotoeja literária* é de 1925 e o primeiro livro de Frieiro data de 1927. Por aí se vê que a oposição de Frieiro era antiga. Quando sua aluna, pude observar que o seu apego à tradição clássica o impedia de valorizar autores como Guimarães Rosa, por exemplo. Curiosa é a diferença entre a reação de Drummond e a de Pedro Nava a essa intolerância de Frieiro. Drummond reconhece mais tarde, já na década de 80, como você disse, que a crítica de Frieiro, com toda a sua dureza, servira de incentivo aos jovens modernistas. Isso mostra a imparcialidade e a compreensão de Drummond, que, entretanto, não se encontra em Nava.

MCC – Analisando o depoimento de Frieiro em Testamento de uma Geração (1944) Carlos Guilherme Motta (Ideologia da Cultura Brasileira, 1977) interpreta como “uma abertura digna de menção” a referência que o escritor mineiro faz à problemática da situação do intelectual na América Latina. Ou seja, para Motta, pensar o papel do escritor, especialmente em termos de América Latina, seria uma coisa nova por aqui no começo da década de 1940. Como a Senhora avalia a posição de Frieiro como intelectual na cena política e social brasileira dos anos 1930/40?

AVL - O papel de Frieiro na cena cultural latino-americana não foi menor do que na brasileira. Além de professor de Literatura Espanhola nos dois primeiros anos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFMG, foi também professor de Literatura Hispano-americana no terceiro ano. Nas aulas de Literatura Hispano-americana, como nas de Literatura Espanhola, empenhava-se em por os alunos em contato com os textos. Foi, dos meus professores, o que mais me fez ler durante o curso. Aprendemos com ele a valorizar desde as obras clássicas da Literatura Espanhola, como o *Don Quijote* de Cervantes, ou mesmo o Quixote apócrifo de Avellaneda até as modernas como o *Romancero gitano* de Garcia Lorca. O mesmo ocorreu no curso de Literatura Hispano-americana. Lemos e analisamos inúmeras obras. Lembrome agora do *Don Segundo Sombra*, do Martin Fierro, dos poemas da Gabriela Mistral e de Pablo Neruda e de muitos outros. Como se vê, não havia contradição entre o gosto pelas literaturas da América de língua espanhola e o apego à tradição literária européia. Ele via nas riquíssimas literaturas dos países latino-americanos um prolongamento da não menos rica literatura espanhola.

MCC – Frieiro desempenhou com gosto também as funções de professor universitário e de editor. Falemos primeiro do Mestre Frieiro, o professor. Não sei se a Senhora sabe que ele deu aulas de História do Livro e das Bibliotecas, de 1951 a 1952, no então recém-criado Curso de Biblioteconomia de Minas Gerais. Lá ele encontrou espaço, como bibliófilo e bibliógrafo, para falar sobre um de seus temas preferidos, o livro na sua forma material. Mas parece que foi como professor de Literatura Espanhola e Hispano-americana na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras que ele alcançou sua realização maior como autodidata. A Senhora, como sua ex-aluna, que impressão guarda do desempenho dele como professor?

AVL – Guardo dele a melhor das impressões. A sua vastíssima cultura literária fazia dele uma espécie de enciclopédia viva a que podíamos recorrer sempre. A isso somava-se a gentileza no trato, a disponibilidade, o bom humor, o senso de justiça, às vezes com uma dose de ironia que tinha a sua graça. Embora me distinguisse como aluna e me atribuisse sempre a nota máxima, no dia em que, por motivos familiares, não pude preparar-me para uma prova escrita sobre o *Martin Fierro*, ele julgou meu trabalho insuficiente e deu-me a nota seis sobre dez – coisa que nunca me ocorrera antes. Não tive coragem de explicar-me com ele, nem ele jamais me pediu explicações. Dessa forma, impunha-se ao respeito de todos, não só como excelente professor, mas como homem reto e justo.

*MCC – Como editor lato sensu Frieiro mediou a publicação de muitos autores iniciantes, inclusive ele próprio. Foi sua a idéia da Sociedade dos Amigos do Livro, chancela sob a qual publicaram os jovens Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Ciro dos Anjos, entre outros, nos primeiros anos da década de 1930. Sua participação na revista *Kriterion* foi importante para manter o alto nível dos colaboradores e a qualidade gráfica, desde o primeiro número em outubro de 1947 até o final dos anos 1960, quando ele deixa o cargo de Secretário. A Senhora acredita que ele será lembrado também por esse papel de mediador cultural?*

AVL – O seu trabalho como mediador cultural na área da edição, o seu apoio a jovens estreados, o seu papel na revista *Kriterion*, de que foi nominalmente secretário, mas efetivamente diretor durante cerca de vinte anos – tudo isso é pouco conhecido, se não desconhecido de todo pelas jovens gerações de universitários. É pena.

MCC - *A biografia de Frieiro não pode deixar de ressaltar, ainda, outro traço seu: o autodidata, leitor compulsivo, que construiu uma boa biblioteca e se transformou num refinado bibliófilo. Há o comentário registrado na imprensa, não sei se verdadeiro, de que ele teria sido o primeiro em Belo Horizonte, no começo dos anos 1920, a ler Proust. A Senhora gostaria de comentar essas facetas de Frieiro?*

AVL – Outro traço da biografia de Frieiro é a sua formação autodidata, de que já falei um pouco antes, respondendo a outra pergunta. Mas não me custa voltar a esse ponto. Em *Torre de papel: motivos literários* (1969), figura um capítulo ou artigo intitulado *Elogio do autodidata* (p.167-179). Frieiro se refere aí às vantagens do aprender por si mesmo e cita numerosos casos de *auto-formação triunfante*. Na política menciona entre outros, Abraham Lincoln; na educação, Sarmiento, “o educador que se educou a si mesmo”; na filologia, Rufino José Cuervo; na literatura, Walt Whitman, Jack London, Machado de Assis, Humberto de Campos, Charles Péguy. Esses são apenas os nomes mais eminentes que selecionei do longo exemplário de autodidas de sucesso, reunido por Frieiro no referido artigo. Aliás, na mesma obra, *Torre de Papel*, Frieiro cita, no artigo introdutório, uma frase de seu *alter ego*, o protagonista de *O Clube dos grafômanos*, Bento Pires, também autodidata: “O mundo em que gravito é de papel: dou-me bem nele e sinto-me desorientado quando saio dele”. Observe-se, entretanto, que a parte final dessa frase (“sinto-me desorientado quando saio dele”) não se aplicaria a Frieiro. Ele sabia sair desse mundo de papel e aproveitar bem as coisas boas da vida, como as viagens, o teatro e o cinema. Viajava com a esposa todas as férias e feriados prolongados. Não perdia um filme novo que se exibisse em Belo Horizonte, registrando tudo no seu diário. Aliás, pela leitura do *Novo Diário*, pode-se levantar a história do cinema da época e de sua recepção em Belo Horizonte.

MCC- *Falemos um pouco, agora, sobre a personalidade de Eduardo Frieiro. Ele próprio se descrevia como um misantropo, dominado por um grande complexo de inferioridade, incapacitado para a ação, e usa até o termo ressentido. A Senhora que o conheceu de perto concorda com esses termos? Como o descreveria?*

AVL – Não concordo. Frieiro fazia uma força enorme para parecer misantropo. Mas, na realidade, era um ser humano generoso, bem humorado, solidário com os homens e também com os bichos, quando encontrava algum abandonado no caminho. No meu tempo de Faculdade, os alunos organizavam freqüentes excursões, fora do Estado. E qual era o

professor que os acompanhava? Eduardo Frieiro, com sua esposa Noêmia. Os alunos que participavam de tais excursões (lembro-me de que foram a Porto Alegre, ao Rio, a Buenos Aires...) voltavam impressionados com o bom humor, a disponibilidade e a experiência de viagens do casal. O professor Frieiro e Dona Noêmia eram aqueles companheiros mais vividos que os orientavam nas descobertas turísticas. Eu, pessoalmente, não pude participar desse convívio. Fiquei noiva no primeiro ano da Faculdade, no segundo já estava casada e daí até o final do curso tive dois filhos. Mas, se não pude gozar dessa proximidade em viagens, gozei de outra, na própria residência do casal. Lá me era dado observar seu carinho com Dona Noêmia, com o cão Bedeleco e até com pássaros que por lá arribavam. Frieiro era daqueles que sabiam cativar amigos.

MCC – Como qualquer pessoa, Frieiro tinha também as suas contradições. Mas, talvez, a contradição mais desconcertante do seu caráter, vindo de alguém que se confessa um cético, tenha sido sua “tentação pelo fascismo” revelada no Novo Diário, ainda que revista mais tarde. A Senhora poderia comentar alguma coisa sobre esses, vamos dizer, movimentos ideológicos de Frieiro?

AVL – Frieiro não foi o único a experimentar essa “tentação pelo fascismo”. Aliás, antes da loucura da guerra, o fascismo havia reconstruído a Itália de vários pontos de vista, como revelou o livro *Colóquios com Mussolini*, de Emil Ludwig. Mussolini tomou medidas de impacto para uma significativa mudança na vida do país e no modo de ser dos italianos, inclusive no seu uso linguístico. A criação de um italiano comum, supradialectal, começa timidamente, no final da Idade Média, com a obra de Dante (no “De vulgari eloquentia”). Depois, dá um grande passo adiante no século XIX, com Vittorio Emanuele e os colaboradores que encontrou no casal Garibaldi, durante as lutas de unificação política. Mas é com Mussolini que a unificação da língua culta ou a civilização de um “italiano comum” se perfaz, graças a algumas medidas drásticas, mas eficazes, que tomou na administração pública. Por essa época, os admiradores de Mussolini eram numerosos em Belo Horizonte. Conheci vários deles, professores na Faculdade, que, aliás, fora fundada por um grupo de professores do Colégio Marconi, na antiga “Casa d’Itália”. E nem todos souberam corrigir seu julgamento pró-Mussolini, quando o “Duce” se uniu a Hitler e os dois enlouqueceram a ponto de provocar a mais cruel das guerras, que desaguou numa catástrofe mundial. Mas tenho certeza de que Frieiro, como muitos outros, soube rever

a sua posição primitiva. Aliás, mais tarde, sua tendência voltava-se francamente para a esquerda. Quanto ao fato de ter sido chamado a depor no DOPS durante a ditadura militar, isso só prova que Frieiro tinha mudado de lado, já estava longe de sua tentação pela direita.

MCC – Ao mesmo tempo em que era um progressista nas relações de gênero (não sei se esse termo já era usado na sua época) pois apoia abertamente a aprovação da lei do divórcio, e é pela liberação da mulher, Frieiro demonstra no diário e na correspondência um pesado preconceito contra o negro e o mulato, assim como contra o vulgo, a plebe. Quem o conheceu pessoalmente, como a Senhora, podia perceber as marcas desse preconceito no seu cotidiano? Hoje esse traço poderia ser compreendido como um pensamento comum às classes média e alta no princípio do século vinte?

AVL – Esse preconceito contra o negro e o mulato, desconfio de que Frieiro o tinha, realmente. Mas é uma desconfiança minha. Não percebi nada disso no seu comportamento. Também não sei se isso seria comum entre as classes média e alta do princípio do século XX. Quanto ao preconceito contra o vulgo, o populacho, esse sim é visível em muitas passagens do *Novo Diário*. Do ponto de vista cultural, Frieiro era francamente elitista.

MCC - Outra aparente contradição, que pode ser compreendida à luz do seu perfil psicológico de pessoa excessivamente tímida, é a permanência na província, que ele abomina em diferentes momentos – “Minas é o oco do mundo...” - postergando, até a morte, os planos de se mudar para o Rio de Janeiro onde, acreditava, sua carreira literária teria mais visibilidade. A Senhora acredita que esse gesto, assim como a queima do primeiro diário, a decisão de não ter filhos, podem ser interpretados como um suicídio, um sentimento de autodestruição?

AVL – O fato de ficar na província sempre me pareceu uma opção de Frieiro pelo sossego, pela vida calma, que favorece o trabalho intelectual. Outra coisa eram as grandes metrópoles, que ele sabia curtir muito bem, mas apenas como turista. Eram boas para as férias. Mas, depois dessa escapada, a volta para a casa repunha nos eixos a máquina do trabalho intelectual. A queima do primeiro diário sempre me pareceu um impulso do qual Frieiro se arrependeu. Não sei o que o teria levado a isso. Preocupação com possíveis reações a sua crítica, muitas vezes ferina, não teria sido. Escrevendo ou falando, Frieiro, quando necessário, não tinha papas na língua. Dizia sem reservas o que pensava, doesse

a quem doesse. Quanto a não ter filhos, eu me pergunto se não teria sido uma decisão como a de Dom Casmurro, que se orgulhava de não haver transmitido a ninguém o “legado da nossa miséria”. Ou teria sido um problema biológico do casal? Ou uma inaptidão para lidar com meninos? Ou um egoísmo de quem quer todas as horas do dia para si mesmo? Ou, volto a perguntar, um pessimismo fundamental quanto ao ser humano? Como saber?

MCC – Por falar em suicídio, o sentimento dele em relação à morte era o de um “céptico relativista” (a expressão é dele). Tinha medo da morte, é certo, mas não se atormentava com a idéia da morte, para ele não existia o problema do além. Em mais de um momento, no diário e na correspondência, ele dá por terminada a sua vida produtiva, como se estivesse preparado para morrer, desde os 50 e poucos anos (cf. Novo diário). No entanto, ainda produziu muito depois dessa idade e viveu até os 92 anos. A Senhora conviveu com ele nos últimos anos de sua vida? Tem conhecimento de como ele viveu esse tempo?

AVL - Convivi com o professor Frieiro nos últimos anos de sua vida. Sempre unido à sua Noêmia, que acabou deixando viúva. Sempre amigo dos animais, mas, sobretudo, sempre amigo dos livros.

MCC – Há algum aspecto da pessoa e da obra de Eduardo Frieiro que eu não tenha contemplado e que a Senhora queira ressaltar?

AVL – Penso que a sua entrevista foi muito bem planejada e contemplou tudo que era preciso contemplar. Gostaria apenas de lembrar o apreço de Frieiro pela literatura galega, aliás, pela cultura galega em geral – o que era uma faceta do apego que tinha às suas raízes. Os seus cursos de Literatura Espanhola eram, antes, cursos da Espanha. Assim, foi graças a Frieiro que tomei conhecimento do “ressurgimento galego” no século XIX e de autores como Rosalía de Castro, Ramón Otero, Pelayo e outros.

No mais, muito obrigada por essa oportunidade de dar um depoimento sobre meu Mestre querido, que exerceu profunda influência na minha formação universitária.